

A REPRESENTAÇÃO EXPERIENCIAL DA JOVEM NO CONTO “THE YOUNG GIRL” DE MANSFIELD E EM SUA TRADUÇÃO PARA O PORTUGUÊS DO BRASIL

Bruna Alborno Davila

Roberta Rego Rodrigues

Resumo: Este artigo busca analisar a representação da protagonista como Participante em Processos (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014) do conto “The Young Girl” (MANSFIELD, 2001) e em sua tradução para o português brasileiro, visando a uma contribuição às abordagens discursivas da tradução e aos estudos em Linguística Sistemico-Funcional aplicada à língua portuguesa. Participantes são um componente do viés experiencial da metafunção ideacional, vinculados a Processos e Circunstâncias. Sua análise (RODRIGUES-JÚNIOR, 2006b) pode contribuir para a compreensão de papéis e identidades em uma narrativa. Utilizamos o modelo CROSF-15 (FEITOSA, 2006) para anotar o corpus, usando etiquetas que representassem os Participantes de cada Processo: Material, Mental, Relacional, Verbal, Comportamental e Existencial. Anotamos também as menções diretas e indiretas à personagem, usando as marcações <dir> e <indir>. Constatamos que a protagonista do conto ocorre mais como Participante de Processos Materiais, Mentais e Comportamentais. Os resultados revelam características da escrita de Mansfield: seu enfoque no mundo interno da personagem e o modo sutil como a caracteriza. Foram encontradas poucas mudanças tradutórias, porém as mais substanciais são pertinentes a Ator, o Participante mais recorrente, e Comportamento, Participante com mais ocorrências de menções indiretas à personagem. A maioria dessas menções está omitida no TA, pois não houve a tradução do pronome possessivo estabelecendo o vínculo entre a personagem e sua menção indireta. Os resultados também apontam para uma caracterização pouco mais sutil da personagem no TF do que no TA. Ao final da pesquisa, pudemos constatar a tendência da língua portuguesa à não explicitação de relações possessivas, bem como o caráter fluido da LSF, devido à ocorrência de certos Participantes exercendo função de outros e à pouca frequência de Processos Relacionais, considerados prototípicos (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).

Palavras-chave: Abordagens discursivas aos Estudos da Tradução; Componente experiencial da metafunção ideacional; Participantes; Linguística Sistemico-Funcional; Katherine Mansfield.

Abstract: This paper aims at analyzing how the main character in “The Young Girl” (Mansfield, 2001) and its translation into Brazilian Portuguese is represented as a Participant (Halliday & Matthiessen, 2014) in order to contribute to discourse approaches to Translation and to Systemic Functional Linguistics as applied to the Portuguese language. Participants are elements connected to Processes and Circumstances within the experiential component of the ideational metafunction. The analysis of Participants (Rodrigues-Júnior, 2006b) may broaden the understanding of roles and identities in narratives. CROSF-15 (Feitosa, 2006) was used to annotate the corpus, addressing tags for each type of Participant realized in Material, Mental, Relational, Verbal, Behavioral and Existential Processes. <dir> and <indir> were also used in order to tag direct and indirect mentions to the Young Girl. It is shown that the protagonist of the story is realized mostly as a Participant in Material, Mental and Behavioral Processes in the corpus. Results reveal traits of Mansfield's narrative, such as her subtle characterization of characters and their focus on the internal world. There are few representation changes in translation; most of them regard Actor (the most frequent Participant) and Behavior (the Participant with the most occurrences of indirect mentions). Most indirect mentions are omitted due to the lack of possessive pronouns establishing the relation between the character and the indirect mentions in the translation. This points to how the Portuguese language hardly ever tends to make these relations grammatically explicit. Results also

show the characterization of the Young Girl is slightly more subtle in the source text than in the target text. This research also helps verify how fluid SFL is, due to some Participants playing other 'roles' and the few realizations of prototypical Relational Processes (Halliday & Matthiessen, 2014).

Keywords: Discourse approaches to Translation; Experiential component of ideational metafunction; Participants; Systemic-Functional Linguistics; Katherine Mansfield.

INTRODUÇÃO

Os Estudos da Tradução, de modo semelhante a diversos outros ramos da área de Linguística Aplicada, são considerados por muitos não como uma disciplina, mas como uma *interdisciplina* (MUNDAY, 2012). Considerar todos os elementos culturais e interdisciplinares ao estudar e analisar traduções, contudo, não é uma prática antiga: conforme aponta Rodrigues-Júnior (2006a), foi apenas nas décadas de 1960 e 1970 que o “contexto” passou a ser levado em consideração nas análises e pesquisas em tradução, e foi apenas um pouco mais tarde que seu caráter interdisciplinar se desenvolveu de maneira satisfatória. Isso ocorreu quando outra conhecida (inter)disciplina dos estudos da linguagem passou a exercer influência sobre os Estudos da Tradução: a Análise de Discurso (RODRIGUES-JÚNIOR, 2006).

A partir da década de 1970, diversos autores passaram a publicar obras expondo suas abordagens discursivas aos Estudos da Tradução. O grande diferencial das obras desses autores era sua preocupação não apenas com a parte estritamente textual da tradução, mas também com a influência social e cultural. Além dessa nova preocupação com o contexto, há outro elemento em comum entre os estudos dos teóricos mencionados: todos eram baseados no modelo sistêmico-funcional de M. A. K. Halliday (MUNDAY, 2012; RODRIGUES-JÚNIOR, 2006a).

Neste artigo, realizamos uma análise segundo a Linguística Sistêmico-Funcional (doravante LSF) de como a protagonista é representada como Participante no conto “The Young Girl”, de Mansfield (2001), assim como em sua tradução (MANSFIELD, 2013) pela primeira autora deste artigo. A escolha da análise de Participantes se deu pois percebemos que, em grande parte dos artigos que abordam a metafunção ideacional da LSF, o enfoque é a análise de Processos, e poucos dos trabalhos que abordam o elemento de Participante são voltados para a tradução. Julgamos, então, que um trabalho nesse âmbito, valendo-se de um corpus paralelo, seria relevante.

O motivo pelo qual produzimos uma tradução própria ao invés de utilizar uma já existente é o fato de pensarmos ser válido um trabalho de metarreflexão para tradutores em formação. Isso consiste em um exercício no qual uma tradução é produzida voltada para a pesquisa, unindo assim a teoria à prática e auxiliando o crescimento do indivíduo tanto como tradutor quanto como pesquisador. Cumpre salientar que a tradutora *não* foi condicionada por conhecimentos prévios no tocante às abordagens discursivas aos Estudos

da Tradução, uma vez que sua orientadora, coautora deste artigo, informou-a acerca do tema a ser abordado após a feitura da tradução.

Para guiar este trabalho, então, estipulamos as seguintes perguntas, centradas na análise de Participantes e sua relevância à tradução: (i) Como a representação semântico-discursiva da protagonista é realizada lexicogramaticalmente pelo elemento Participante em ambos os textos? (ii) Os Participantes mais frequentes correspondem aos Processos primários propostos por Halliday e Matthiessen (2004)? (iii) As alterações lexicogramaticais levam a alterações à representação da personagem? (iv) Quais tipos de alteração na realização lexicogramatical da representação semântico-discursiva da protagonista há entre os textos, devido a escolhas tradutórias?

Ligados às perguntas, apresentamos também os objetivos da pesquisa aqui relatada: no âmbito geral, buscamos contribuir para as abordagens discursivas aos Estudos da Tradução, assim como para os estudos em LSF aplicada à língua portuguesa; quanto aos objetivos específicos, procuramos: (i) Descrever como a representação semântico-discursiva da personagem central do conto de Mansfield e de sua tradução é realizada lexicogramaticalmente pelo elemento Participante no corpus paralelo “The Young Girl” / “A Jovem”; (ii) Investigar se essa análise viabiliza a constatação de possível mudança na representação da personagem; (iii) Verificar se os Participantes mais frequentes correspondem aos Processos mais frequentes tal como preconizado por Halliday e Matthiessen (2004); e (iv) Identificar alterações de Participantes que realizam a representação da personagem em decorrência de escolhas tradutórias.

Este artigo é organizado em cinco seções: além desta Introdução, na Seção 1, é apresentado o arcabouço teórico do qual nos valem para esta pesquisa; a seguir, na Seção 2, é exposta a metodologia utilizada para a coleta e análise dos dados; a Seção 3 traz os resultados, recuperando e aplicando teorias e conceitos expostos na Seção 1. Por fim, a Seção 4 apresenta as considerações finais relativas ao que foi exposto nas Seções anteriores, seguida das referências bibliográficas na Seção 5.

1. REVISÃO TEÓRICA

1.1. Abordagens Discursivas aos Estudos da Tradução

Com o advento e crescente reconhecimento da Análise de Discurso nos estudos da linguagem, diversos teóricos passaram, aos poucos, a unir elementos dessa área a conceitos da LSF a fim de aplicar seus modelos e teorias aos Estudos da Tradução, o que veio a constituir-se no que passou a ser chamado de abordagens discursivas aos Estudos da Tradução. No cenário internacional, há diversos exemplos de trabalhos influentes, como os de House (1997), Baker (1992), Blum-Kulka (1986) e Hatim e Mason (1990, 1997), conforme aponta Munday (2012).

House (1997 *apud* MUNDAY, 2012) utilizou conceitos adaptados da LSF para elaborar um perfil do texto traduzido e compará-lo ao do original, propondo, assim, um método

para avaliar a qualidade da tradução. Munday (2012) também expõe que Baker (2011) e Blum-Kulka (1996) discutiram, em suas respectivas obras, elementos de coesão. Baker (2011) analisa outros tópicos relativos aos estudos da tradução e postula que quase todo traço da interação entre comunidades discursivas pode ser considerado relevante para a tradução. Hatim e Mason (1990, 1997 *apud* MUNDAY, 2012) abordam temas como os processos ideológicos na tradução e dão ênfase na tradução de dialetos e idioletos.

No Brasil, diversos teóricos da área também se valeram de abordagens discursivas em seus trabalhos. Podemos citar Assis (2004), Rodrigues (2010) e Rodrigues-Júnior (2006b). Rodrigues (2010) não apenas trabalhou com a LSF, mas também com a narrativa de Katherine Mansfield sob um viés estilístico, ao analisar a apresentação do discurso no conto “Bliss” e em suas traduções para o português e para o espanhol. Já os demais trabalham com a metafunção ideacional da linguagem: Assis (2004) apresenta uma análise comparativa dos Processos no romance “Beloved”, de Toni Morrison, e em sua tradução para o português do Brasil, pesquisando a representação experiencial da protagonista; e Rodrigues-Júnior (2006b) compara os Processos na coletânea de contos “Stud” àqueles da sua tradução brasileira.

A seguir, falaremos sobre a LSF, o modelo que serviu como base, junto aos de Análise de Discurso, para os estudos acima mencionados.

1.2. LSF

Para elaborar sua teoria, Halliday inspirou-se em diversas ideias de outros que o antecederam – como, por exemplo, em Saussure (1916), Malinowski (1923), Whorf (1956) e Firth (1957), conforme exposto por Rodrigues-Júnior (2006a).

De Saussure (1916), Halliday aproveita as noções de relações sintagmáticas (relativa ao que é *funcional*) e paradigmáticas (relativa à parte *sistêmica*), bem como a ideia de Firth (1957) de sistema. Aliados a essas ideias também estão os conceitos de Malinowski (1923) de *contexto de cultura* e *contexto de situação*, pois significam que o contexto deve ser levado em consideração. Halliday adota esses conceitos, originalmente da Antropologia, adaptando-os a seu estudo. Complementando as assunções de Firth e Malinowski, o autor também considera as ideias de Whorf (1956), que considera a língua como elemento que constrói o mundo das experiências humanas. Halliday conclui, então, que a língua tanto constitui o social, quanto é constituída por ele (RODRIGUES-JÚNIOR, 2006a).

Às ideias de Malinowski, foi associado o conceito de registro, que consiste em processos sociais com funções específicas, que sofrem mudanças causadas pelas alterações em três elementos: *campo*, pertinente às experiências, à “atividade social e semiótica”¹ (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 33); *relações*, que dizem respeito aos interactantes e às relações entre eles; e o *modo*, caracterizado pelo papel exercido pela língua em determinada situação. Para cada um desses elementos, Halliday e Matthiessen (2014) designaram uma metafunção que os realiza na esfera da lexicogramática: para o

¹ Nossa tradução de “the social and semiotic activity”.

campo, a metafunção ideacional; para as *relações*, a metafunção interpessoal; para o *modo*, a metafunção textual.

Apesar de diversos artigos e linhas de pesquisa apresentarem enfoque em apenas uma metafunção, na prática, elas aparecem mescladas nos enunciados (RAVELLI, 2000). Encará-las desse jeito renderia uma análise mais efetiva, porém muito mais trabalhosa e complexa. Para fins didáticos e de pesquisa, elas costumam ser abordadas separadamente ou em pares.

Cada metafunção apresenta suas respectivas vantagens para a Análise de Discurso, de acordo com os objetivos de cada pesquisa. No caso do estudo aqui relatado, a análise apresentada foi realizada sob o escopo da metafunção ideacional, apropriada, conforme apontado por Rodrigues-Júnior (2006b), para perceber as representações dos papéis e identidades dos personagens tais como construídas pelos autores.

1.3. Metafunção ideacional

A metafunção ideacional, construindo o *campo*, lida com os eventos que acontecem no mundo, como indivíduos participam desses eventos, e quais as circunstâncias ao redor deles (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004). Estes autores apontam que a metafunção ideacional possui dois vieses: o componente experiencial e o lógico. O componente lógico lida com o sequenciamento das representações dos acontecimentos e as relações entre orações e entre grupos. Esse componente realiza também uma tarefa textual, pertinente à construção da coesão estrutural. O componente experiencial, por outro lado, é aquele pelo qual o falante/escritor representa linguisticamente, de modo subjetivo e ideologicamente situado, os eventos presentes no mundo, juntamente com os atores sociais que deles participam e as contingências nas quais se desenrolam os acontecimentos. Tratamos do componente experiencial, realizando um estudo segundo o sistema que o realiza lexicogramaticalmente, que é o sistema de transitividade, desconsiderando o componente lógico do escopo da pesquisa.

1.4. Componente experiencial da metafunção ideacional

A metafunção ideacional, em seu viés experiencial, é realizada lexicogramaticalmente através do sistema de transitividade, com seus três constituintes funcionais: Processos, relativos aos eventos e ações; Participantes, relativos aos atores sociais; e Circunstâncias, relativas às contingências (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). Na pesquisa aqui relatada, tratamos dos Processos e dos Participantes, pois são interdependentes e fundamentais, enquanto que as Circunstâncias nem sempre ocorrem.

Há seis tipos de Processos, cada qual com seus devidos Participantes. Os três principais Processos são os Materiais, os Mentais e os Relacionais. Os Processos Materiais, que expressam ações, apresentam um Participante inerente, denominado Ator. Este constitui o agente da ação realizada pelo Processo. Halliday e Matthiessen (2014) explicam que, quando o Ator é o único Participante que ocorre em um Processo Material, isso indica que

o verbo que realiza o Processo é intransitivo. Em verbos transitivos, contudo, há outro Participante: a Meta. Este é aquele que sofre a ação, que é afetado por ela. Segundo Halliday e Matthiessen (2014), Ator e Meta desempenham os principais papéis em um Processo Material.

Há, contudo, Participantes adicionais: o Recebedor e o Cliente. Estes são semelhantes, pois ambos desempenham o papel de beneficiário de uma ação, sendo ligados à concepção de bens e serviços: enquanto o primeiro recebe bens, o segundo é para quem serviços são prestados (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).

Processos Mentais, por sua vez, são relativos a atividades cognitivas: desejos, percepções, sentimentos, pensamentos. Estes possuem apenas dois Participantes: o Experienciador e o Fenômeno. O Experienciador consiste no Participante ‘ativo’ e inerente ao Processo, sendo aquele que realiza atividade cognitiva. Halliday e Matthiessen (2014) ressaltam que este será sempre humano ou antropomorfizado de modo que seja “dotado de consciência”² (p. 249). O Fenômeno, por sua vez, é o que é executado cognitivamente – o que o Experienciador sente, percebe, deseja, pensa. Enquanto o Experienciador é um Participante restrito, podendo ser apenas seres dotados de consciência, o Fenômeno é o oposto devido a sua abrangência: além de seres, ele pode também ser realizado lexicogramaticalmente através de fatos ou atos (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).

Os Processos Relacionais existem para estabelecer relações de caracterização ou identificação entre duas entidades (ou seja, ao contrário dos Processos Materiais e Mentais, que têm apenas um Participante inerente, os Processos Relacionais têm dois). Segundo Assis (2004), esse tipo de Processo tem como verbos prototípicos o *to be* em inglês e *ser/estar* em português (o que não significa que se realize apenas através desses verbos, mas sim que esses são os mais comumente associados a esse Processo). Estes Processos podem ser Atributivos ou Identificativos. Um modo de discernir entre eles é o fato de que os Participantes dos Identificativos podem ser invertidos, e o sentido se manterá semelhante. Isso, por outro lado, não ocorre com os Processos Relacionais Atributivos, nos quais uma inversão resultaria em uma oração agramatical (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).

Os Participantes de Processos Relacionais variam de acordo com o tipo de Processo. Com relação aos Atributivos, há apenas dois: um relativo a uma classe (Atributo) que é atribuída ao outro, uma entidade (Portador). Segundo Halliday e Matthiessen (2014), Atributos tendem a ser indefinidos, sendo realizados como adjetivos ou substantivos comuns (outra característica que os diferencia dos Processos Identificativos). Os Processos Identificativos, por outro lado, apresentam dois pares de Participantes: Identificado ou Identificador, Característica ou Valor. Halliday e Matthiessen (2014) esclarecem que cada Participante receberá um rótulo “duplo”, ou seja, poderá ser caracterizado como Identificado-Característica, Identificado-Valor, Identificador-Característica ou Identificador-Valor. Desse modo, um Processo Relacional pode apresentar as seguintes combinações de Participantes: Identificado-Característica/Identificador-Valor ou Identificado-Valor/Identificador-Característica. Isso ocorre pois, de acordo com os teóricos, os rótulos se referem a duas metades de um mesmo elemento.

² Nossa tradução de “endowed with consciousness”.

Quanto às diferenças entre os Participantes, o Identificado é uma entidade identificada em função de um Identificador, e o que determinará qual a classificação apropriada é o enfoque da sentença [conforme apontado por Halliday e Matthiessen (2014), esse enfoque pode ser depreendido mesmo através de características como entonação]. No outro par, “pode-se caracterizar como uma diferença estratificada, entre ‘expressão’ e ‘conteúdo’”³ (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 279), sendo a “expressão” relativa à Característica e o “conteúdo”, ao Valor.

Há também três processos “subsidiários” que se encontram nas áreas limítrofes entre os Processos prototípicos (de modo que, por vezes, pode haver ambiguidade no momento de defini-los): o Verbal, o Comportamental e o Existencial.

Processos Verbais, localizados entre os Mentais e os Relacionais, dizem respeito à comunicação, sendo de grande importância para a construção de narrativas através dos diálogos (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). Têm como Participantes principais o Dizente, a Verbiagem e o Receptor. O Dizente é a entidade (não necessariamente um ser consciente) que comunica algo – o que é comunicado, por sua vez, será chamado de Verbiagem⁴. O Receptor, por fim, é a entidade à qual o Dizente comunica a Verbiagem. Ademais, também é possível que haja um Alvo: o Participante *sobre quem* é a Verbiagem.

O Processo Comportamental é realizado, em geral, por verbos denotando reações fisiológicas e psicológicas. Seu Participante inerente, o Comportante, é tipicamente uma entidade dotada de consciência (assim como o Experienciador), contudo, os Processos pendem mais para o lado material do que para o mental. Isso caracteriza o hibridismo Material-Mental dos Processos Comportamentais, de acordo com Halliday e Matthiessen (2014).

Por último, há os Processos Existenciais, o intermédio entre Processos Materiais e Relacionais, que indicam, como diz o nome, a existência ou ocorrência de um único Participante, o Existente. Apesar de incomuns, Halliday e Matthiessen (2014) destacam que estes Processos podem exercer funções importantes, por exemplo, em narrativas, nas quais realizam a introdução de novos elementos, principalmente no início da história.

Segundo estes autores, há ainda outro Participante considerado em cinco dos seis Processos, chamado Extensão. Extensões podem assumir diferentes papéis de acordo com os Processos aos quais aparecem relacionadas. Em Processos Materiais e Comportamentais, elas têm uma função distinta dos demais Participantes e podem ser chamadas, respectivamente, de Escopo e Comportamento. Já em Processos Mentais, Verbais e Relacionais, Halliday e Matthiessen (2014) dizem que Extensões podem aparecer como interpretações diferentes, respectivamente, do Fenômeno, da Verbiagem e do Atributo ou do Valor. A diferença entre a Extensão e esses elementos é que, em vez de figurar como um Participante *per se* do Processo, ela exerce mais a função de determinar seu *domínio* (ver EXEMPLOS 6, 9, 12 e 16 na seção 3.2). A função exercida em Processos Materiais e Comportamentais é semelhante, mas a distinção entre Extensão e os demais Participantes é clara.

³ Nossa tradução de “This difference can be characterized as a stratal one of ‘expression’ and ‘content’”.

⁴ Nota-se que não é inerente que esta seja o *conteúdo* do que é comunicado – em um exemplo fornecido por Halliday e Matthiessen (2014, p. 306), *what* é a Verbiagem em “What did you say?”.

Neste artigo, relatamos os resultados da análise dos papéis da Jovem tal como representada apenas como Participante nos diversos Processos ao longo do conto e de sua tradução.

2. METODOLOGIA

No estudo aqui relatado, foi realizada uma análise comparativa do conto “The Young Girl” (MANSFIELD, 2001) e de sua tradução, “A Jovem” (MANSFIELD, 2013), a fim de verificar como, em cada texto, a protagonista é representada como Participante nos Processos identificados segundo a LSF.

Para determinar quando classificar e fazer a anotação dos Participantes, foram estabelecidos alguns critérios: (a) quando a Jovem apresentou função de objeto direto ou indireto, de Sujeito gramatical (elíptico ou expreso, através de pronomes pessoais e grupos nominais), ou de predicativo; (b) quando o sujeito ou objeto não era uma referência exclusiva à Jovem, mas também quando se falava em um grupo no qual estivesse incluída; (c) ocasiões nas quais houve outros grupos nominais que fizessem menção a ela (*her little feet* / “seus pequenos pés”, *the impatient voice* / “a voz impaciente”) ou que fossem de algum modo pertinentes a ela, demonstrado através de *her*, em inglês, e de *sua* (e variantes) ou *dela*, em português (desse modo, ocasiões como *her white gloves* / “suas luvas brancas” e *her little brother* / “seu irmãozinho” foram classificadas).

Segundo Berber Sardinha (2004), o apropriado para a classificação exigida pela pesquisa aqui relatada é uma *etiquetagem discursiva*. No entanto, deve-se ressaltar que, para o autor, a etiquetagem consiste em um processo puramente automático ou semiautomático. Aplica-se, então, a ideia de Vasconcellos e Pagano (2005) de anotação manual, visto que as etiquetas não foram atribuídas por um programa, e o único emprego de um *software* (*AntConc*) foi feito para a realização da análise quantitativa. Um estudo de metodologia semelhante é o de Rühlemann e O'Donnell (2012), em sua análise de um corpus de conversas orais.

Para a anotação manual dos Participantes, foi utilizado o modelo CROSF-15, proposto por Feitosa (2006). O modelo propõe uma classificação seguindo um padrão que, para fins explicativos, demonstraremos como *ab cdefg*. Cada posição, aqui representada por uma letra, depende da classificação atribuída à posição anterior (de modo que *b* será classificado de acordo com *a* e *d* será classificado de acordo com *c*). Isso ocorre pois cada posição representa uma categoria, e estas vão se tornando cada vez mais específicas. Os únicos elementos que não dependem da classificação de outros são *a* e *c*, pois *c* não está incluso em *b*, sendo independente deste.

Consideremos o exemplo a seguir, retirado do corpus desta pesquisa, no qual as etiquetas TF e TA correspondem a Texto Fonte e a Texto Alvo, respectivamente:

EXEMPLO 1

(TF) Yes, yes, she'll <dir> <0010131> be delighted.

(TA) — Sim, sim, ela <dir> <0010121> adoraria.

No modelo, no qual as classificações são representadas por códigos numéricos com valores de 1 a 9, a posição *a* é utilizada para classificar o Tema ou Rema, enquanto que *b* identifica a posição do elemento analisado na oração. Como esta é uma análise dos Participantes, e apenas de como atuam nos Processos, desconsideramos a classificação de Tema ou Rema, atribuindo 0 à posição *a*. Fizemos o mesmo com a posição *b*.

À posição *c*, atribuímos 1, indicando a metafunção ideacional. A posição *d* indica se o elemento identificado é não-marcado (1) ou marcado (2). Por não ser pertinente à análise em questão, 0 também foi atribuído a essa posição. A posição *e* classifica o item identificado como Participante, Processo, Circunstância, Oração ou Casos Especiais. A essa posição, foi atribuído o valor 1, representando Participante. Por fim, as posições de fato utilizadas para a anotação foram *f* e *g*, representando, respectivamente, tipo de Processo e tipo de Participante.

Desse modo, no EXEMPLO 1 fornecido acima, à posição *f*, que correspondente ao tipo de Processo, foi atribuído o valor 3 (indicativo de Processo Relacional) no trecho original, e 2 (correspondente a Processo Mental) no trecho traduzido. A posição *g*, onde é indicada a classificação do Participante, foi marcada com o valor 1 em ambos os textos. Contudo, devido à diferente classificação dos Processos, isso não significa que a classificação seja a mesma: na subcategoria Participantes dentro da categoria dos Processos Relacionais, 1 indica Portador. Dentro dos Processos Mentais, contudo, esse valor indica Experienciador.

Além dos Participantes, também anotamos mais um aspecto relativo à representação da Jovem: quando a referência é feita diretamente a ela, e quando é feita a uma parte (mãos, olhos, etc.) ou a algo alheio a ela (pertences, objetos, parentes), mas com o qual ainda tem relação através, por exemplo, de pronomes possessivos. Para isso, elaboramos as marcações <dir> para as referências diretas e <indir> para as indiretas. Essa anotação foi realizada posteriormente à anotação dos Participantes: após sua realização e revisão, anotamos as referências à Jovem, adicionando as etiquetas em questão a todas as instâncias previamente marcadas como Participantes. No EXEMPLO 1, pode-se observar que ambos os trechos foram marcados com <dir>, pois *she* e *ela* fazem referência diretamente à Jovem.

Tomamos a decisão de realizar essas anotações devido à grande quantidade de referências indiretas à personagem. Acreditamos que não seria apropriado considerar o total de referências a ela como tendo o mesmo peso, quando a quantidade de referências indiretas se faz pronunciada.

A anotação foi inicialmente realizada nos documentos dos textos no editor de textos *Word* da plataforma *Windows*. Os documentos foram, então, convertidos para formato TXT e importados para o *software AntConc*, no qual verificamos a quantidade de cada Participante e de menções diretas e indiretas em cada texto através da ferramenta *Concordance*.

3. RESULTADOS

3.1 Apresentação dos resultados

Apresentamos, na TABELA 1, os resultados pertinentes a Participantes obtidos na pesquisa:

	TF	TA	Mudança tradutória	
PROCESSOS MATERIAIS			+	-
Ator <0010111>	43	42	4	5
Meta <0010112>	17	13	1	5
Recebedor <0010113>	9	8	3	4
Cliente <0010114>	0	0	-	-
Extensão <0010119>	4	4	1	1
PROCESSOS MENTAIS				
Experienciador <0010121>	34	35	3	2
Fenômeno <0010122>	4	4	0	0
Extensão <0010129>	1	1	0	0
PROCESSOS RELACIONAIS				
Portador <0010131>	16	16	3	3
Atributo <0010132>	0	0	-	-
Identificado <0010133>	4	5	1	0
Identificador <0010134>	0	0	-	-
Característica <0010135>	0	0	-	-
Valor <0010136>	4	5	1	0
Extensão <0010139>	5	5	0	0
PROCESSOS VERBAIS				
Dizente <0010141>	18	18	1	1
Receptor <0010142>	1	1	0	0
Verbiagem <0010143>	0	0	-	-
Alvo <0010144>	0	0	-	-
Extensão <0010149>	0	0	-	-
PROCESSOS COMPORTAMENTAIS				
Comportante <0010151>	28	27	1	2
Extensão <0010159>	14	5	0	9
PROCESSOS EXISTENCIAIS				
Existente <0010161>	1	1	0	0
TOTAL	203	190	19	32

TABELA 1: Ocorrências de Participantes no corpus

Na tabela, podemos observar que os Participantes mais recorrentes são Ator, Experienciador, Comportante e Dizente. Houve pouca mudança tradutória, com um total de 32 Participantes que foram suprimidos ou traduzidos por Participantes diferentes, contra 19 Participantes que “surgiram” na tradução. Houve vários Participantes nos quais não ocorreram mudanças tradutórias. Isso pode ser verificado apenas em Participantes menores, à exceção de Dizente.

A seguir, apresentamos também uma TABELA mostrando as ocorrências de menções indiretas à Jovem no TF e no TA:

TF		TA	
Meta <0010112>	9	Meta <0010112>	5
Extensão Comportamental <0010159>	9	Extensão Relacional <0010139>	3
Identificado-Valor <0010133>-<0010136>	3	Identificado-Valor <0010133>-<0010136>	3
Portador <0010131>	2	Portador <0010131>	2
Extensão Material <0010119>	2	Extensão Material <0010119>	1
Ator <0010111>	2	Ator <0010111>	1
Experienciador <0010121>	2	Experienciador <0010121>	1
Recebedor <0010113>	1	Recebedor <0010113>	1
Fenômeno <0010122>	1	Fenômeno <0010122>	1
Extensão Mental <0010129>	1	Extensão Mental <0010129>	1
Comportante <0010151>	1	Extensão Comportamental <0010159>	1
Extensão Relacional <0010139>	1	Dizente <0010141>	1
TOTAL	35	TOTAL	21

TABELA 2: Ocorrências de referências indiretas à Jovem no corpus

A TABELA 2 mostra as menções indiretas à personagem foram mais frequentes no TF, realizando-se na lexicogramática principalmente através dos Participantes Meta e Extensão de Processo Comportamental. No TA, a categoria mais recorrente através de menções indiretas foi Meta.

A seguir, apresentamos a discussão dos resultados.

3.2 Discussão

Nesta seção, são apresentados os resultados da análise dos dados levantados a partir de gráficos e exemplos, e os resultados são discutidos. Note-se que a sigla TF corresponde a Texto Fonte e que a sigla TA corresponde a Texto Alvo, como dito anteriormente.

Começamos pelos Processos Materiais (GRÁFICO 1).

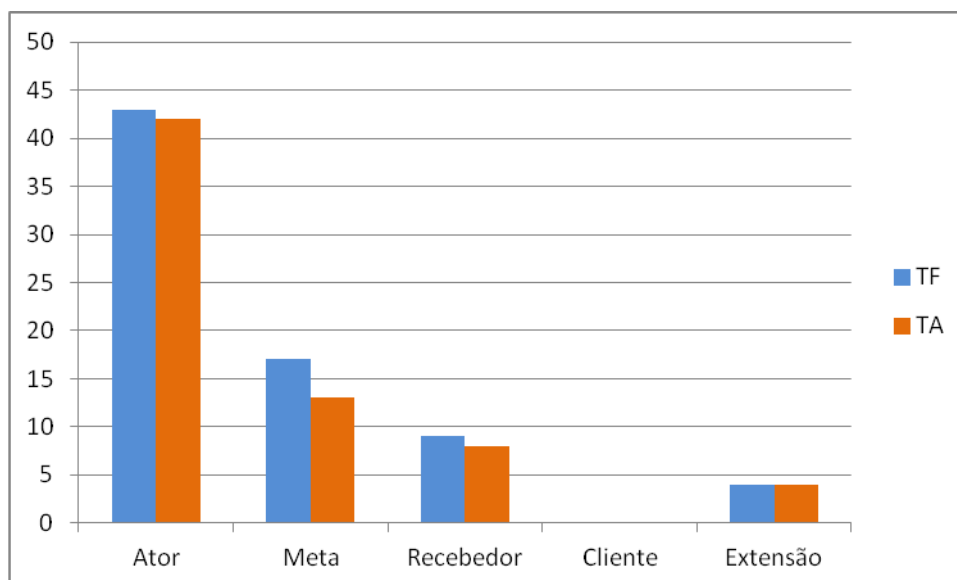


GRÁFICO 1: A Jovem como Participante de Processos Materiais

Podemos observar que a Jovem figura mais como Ator, tanto no TF quanto no TA. Sendo o Ator ligado ao Sujeito gramatical da oração (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014), pode-se perceber que ela manifesta-se muito mais como quem realiza as ações do que como quem é o alvo ou recebe/sofre algo como consequência delas (característica ligada aos demais Participantes Materiais, tidos como objetos das orações).

Observemos em seguida o EXEMPLO 2.

EXEMPLO 2

(TF) She <0010111> <dir> put her hand <indir> <0010112> wearily on the back of a white wicker chair.

(TA) Ela <dir> <0010111> pôs a mão <0010112> <indir>, de modo cansado, nas costas de uma cadeira de vime acolchoada branca.

Os trechos acima também exemplificam um caso recorrente no conto de Mansfield e em sua tradução: quando a Jovem é representada como Ator, as orações tendem a descrever pequenas ações que, de certo modo, expressam seu comportamento ou estado de espírito (“pôs a mão de modo cansado”), em vez de constituírem eventos que fazem com que a narrativa avance de fato. Ou seja, os Processos Materiais em “The Young Girl” e “A Jovem”, quando referindo-se unicamente à protagonista, contribuem mais para a construção da personagem do que para o enredo propriamente dito.

Essa conclusão contrasta com as observações de Assis (2004) em sua análise comparativa da representação da personagem Sethe no romance *Beloved* e em sua tradução para o português do Brasil, *Amada*. Na análise em questão, o pesquisador também descobriu predominância de Processos Materiais nos quais a personagem é representada como Ator – nesse caso, porém, os Processos apontavam para uma “mulher dinâmica e atuante”, com enfoque em suas ações. Com a Jovem, o que ocorre é o contrário: o enfoque está em seu mundo interior, os atos realizados são pequenos e simples, são modos de exteriorizar esse

mundo. Com isso, pode-se perceber como o mesmo tipo de Processo pode introduzir características diferentes de personagens, mesmo que tais características tenham pouca relação com a premissa do Processo – como é o caso em “The Young Girl” e “A Jovem” – o que Halliday e Matthiessen (2014) já explicam ser possível, ao mencionar Processos Comportamentais comumente utilizados para introduzir falas em narrativa, quando o autor busca atribuir alguma característica especial ao ato da fala.

Conforme disposto na TABELA 1, houve o “surgimento” de 4 ocorrências de Ator no TA. Observemos uma delas no EXEMPLO 3:

EXEMPLO 3

(TF) So we <dir> <0010112> three were left.

(TA) Então, restávamos <dir> <0010111> nós três.

No EXEMPLO 3, uma ocorrência de Meta foi traduzida como Ator. Isso ocorreu devido à tradução da voz passiva – *we were left (by her mother)* – como um verbo na voz ativa – *restávamos*. É interessante ressaltar como uma oração passiva em inglês torna-se ativa em português, pondo aqueles que originalmente eram Meta como Ator (e suprimindo o Ator em elipse do Processo original), realizando uma clara inversão de papéis.

No papel de Meta, percebe-se que, na maioria das ocorrências, o Processo é *to leave* em inglês e algumas traduções correspondentes, “deixar” e “abandonar”, em português. No início do conto, a Sra. Raddick diz não poder abandonar sua filha – perante o que a Jovem protesta de modo irritado. Ao final, o(a) narrador(a) diz o mesmo, e ela protesta novamente, mas não do mesmo modo – e sim de maneira mais tímida, em uma revolta triste e introvertida. Essa observação aponta para o modo como as outras personagens veem a jovem Raddick – uma garota frágil, que deve estar sempre acompanhada – e suas reações mostram como ela se sente com todos vendo-a daquele modo (revoltada, subestimada, chateada). A diferença em sua reação poderia evidenciar seu relacionamento diferente com a mãe (com quem é mais imperativa) e com o(a) narrador(a) (uma relação de maior distância, de modo que ela não protesta com tanta confiança), ou poderia ser consequência do tempo decorrido entre os dois momentos, de modo que, ao final, a personagem está cansada e frustrada, e seu protesto deixa de ser enérgico, passando a ser apenas chateado por ainda ter pessoas vendo-a e tratando-a daquele modo.

A seguir, um exemplo da personagem como Meta, demonstrando a situação descrita:

EXEMPLO 4

(TF) But I scarcely like to leave you <0010112> <dir>," I murmured. "I'd very much rather not leave you <0010112> <dir> here."

(TA) — Mas deixá-la <0010112> <dir> não me agrada —, murmurei. — Eu preferiria não deixá-la <0010112> <dir> aqui.

O EXEMPLO 4 põe em evidência o modo como o(a) narrador(a) vê a protagonista, chegando a pô-la como Meta duas vezes na mesma fala.

Essa característica foi mantida na tradução devido à retextualização semelhante dos Participantes. Passemos agora às mudanças tradutórias, observando o EXEMPLO 5.

EXEMPLO 5

(TF) Finally, she <0010111> <dir> had to drag her glove <indir> <0010112> over.

(TA) Finalmente, ela <dir> <0010111> teve de pôr a luva por cima dele.

No exemplo 5, houve mudança tradutória pois, no português, a ausência do adjetivo possessivo não estabelece, linguisticamente, o vínculo com a representação da personagem. Essa característica é marcante no português, como pode ser observado pela diferença entre a quantidade de referências indiretas à Jovem entre o TA e o TF, evidenciada na TABELA 2. Os resultados indicam que, dentre o total de referências à Jovem identificadas em ambos os textos, 17,17% delas são indiretas no TF, enquanto que o índice cai para 11% no TA.

Tanto na tradução quanto no original, a Meta está entre as categorias com mais ocorrências de referências indiretas (sendo a primeira na tradução, com 22,72%, e tendo a mesma quantidade que Comportamento no original, com 26,47%). No original, Comportamento e Meta, juntas, constituem mais da metade do total de referências indiretas. Considerando as diferenças entre as porcentagens, e também entre a quantidade total de referências indiretas, isso revela a tendência da língua inglesa a sempre especificar com o pronome possessivo, o que não ocorre em português – “ela fechou os olhos” já infere que os olhos são *dela*, não é necessário adicionar “seus”. Em inglês, contudo, é preciso sempre especificar, e é *her* que estabelece o vínculo linguístico que faz com que anotemos as ocorrências.

Além das poucas ocorrências de Extensão de Processo Material no corpus, houve apenas um caso de mudança tradutória, exposto no EXEMPLO 6.

EXEMPLO 6

(TF) When the car was there she <dir> <0010111> wrapped her dark coat <0010112> <indir> round her <dir> <0010113> -- to escape contamination.

(TA) Quando o carro chegou, ela <dir> <0010111> enrolou-se <0010112> <dir> em seu casaco <indir> <0010119> escuro, para evitar contaminação.

Acima, temos o EXEMPLO 6 de Extensão de Processo Material que surgiu com a tradução, quando, no original, o mesmo elemento foi classificado como Meta. Isso ocorreu devido à ordem dos elementos na frase: em *she wrapped her dark coat round her*, *her dark coat* é Meta, pois é objeto direto de *wrapped*. No TA, por outro lado, *ela enrolou-se* põe a Jovem simultaneamente como Ator e Meta, enquanto que *em seu casaco* torna-se Extensão devido à preposição *em*.

A falta de ocorrências de Extensão de Processos Materiais, assim como as poucas ocorrências de Meta, Recebedor e Cliente, apontam que há poucos momentos na narrativa nos quais as ações de outros personagens afetam ou se estendem à Jovem, indicando pouca interação actual.

Passemos, agora, aos Processos Mentais, ilustrados no GRÁFICO 2.

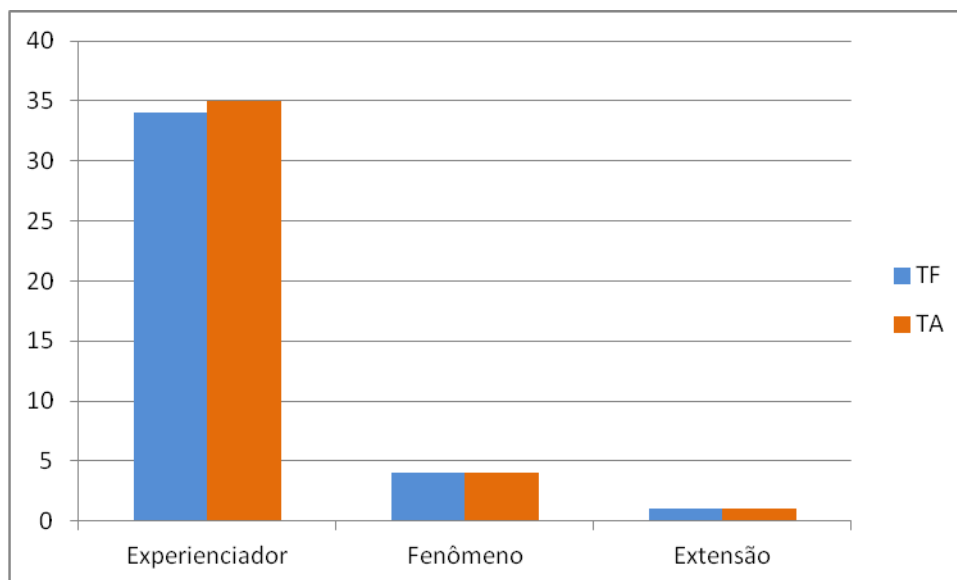


GRÁFICO 2: A Jovem como Participante de Processos Mentais

Pode-se observar que, ao contrário dos casos nos quais a protagonista é representada como Ator, a maioria das instâncias nas quais ela exerce papel de Experienciador podem ser observadas em suas próprias falas, como no EXEMPLO 7. Isso está vinculado ao que foi expresso por Halliday e Matthiessen (2004), para quem, no diálogo, predominam os Processos Mentais, tendo o falante como Experienciador.

EXEMPLO 7

(TF) "I <0010121> <dir> like it. I <0010121> <dir> love waiting!
Really--really I <0010121> <dir> do!

(TA) Eu <0010121> <dir> gosto. Adoro <0010121> <dir> esperar!
Adoro <0010121> <dir>, adoro <0010121> <dir> mesmo!

No exemplo indicado, há o “surgimento” de uma ocorrência de Experienciador. Isso ocorreu devido à escolha tradutória de retextualizar a ênfase – indicada pela repetição de *really* no original – como a repetição do Processo “adoro”.

Há apenas quatro ocorrências da personagem como Fenômeno em cada texto, e nenhuma mudança tradutória. A falta de ocorrências desse Participante pode indicar que há poucos momentos nos quais outros personagens percebem a protagonista – apesar de o(a) narrador(a) ser, também, um personagem, que muitas vezes descreve a Jovem e seus comportamentos de modo detalhado. Ainda assim, entretanto, há poucas ocorrências nas quais é explicitamente dito que alguém a percebe, como no exemplo a seguir.

EXEMPLO 8

(TF) She <0010111> <dir> pointed with her puff <indir> <0010119> to the carnations, and I heard her <0010122> <dir> murmur, "I <0010121> <dir> can't bear flowers on a table."

(TA) Ela <dir> <0010111> apontou os cravos com sua almofada de pó <indir> <0010119>, e a ouvi murmurar <dir> <0010122>, — Não suporto <dir> <0010121> flores em uma mesa.

No EXEMPLO 8, a Jovem aparece como Fenômeno do Processo Mental *heard/ouvi*, indicando percepção, no qual o(a) narrador(a) é o Experienciador.

Houve apenas uma ocorrência, em ambos os textos, de Extensão de Processo Mental (cf. EXEMPLO 9).

EXEMPLO 9

(TF) I wondered if I should dare draw her attention <0010122> <indir> to her cup <0010129> <indir>.

(TA) Perguntei-me se devia chamar a atenção <indir> <0010122> dela para sua xícara <0010129> <indir>.

Pode-se verificar, pelo EXEMPLO 9, que a única ocorrência de Extensão de Processo Mental no TA e no TF é uma menção indireta à personagem: *her cup/sua xícara*. De modo semelhante às ocorrências de Meta, Receptor e Extensão de Processo Material, as poucas ocorrências de Fenômeno e Extensão de Processo Mental indicam que há poucos momentos nos quais outros personagens percebem a personagem, característica que se mantém no TA.

No GRÁFICO 3, podemos observar a Jovem como Participante de Processos Relacionais.

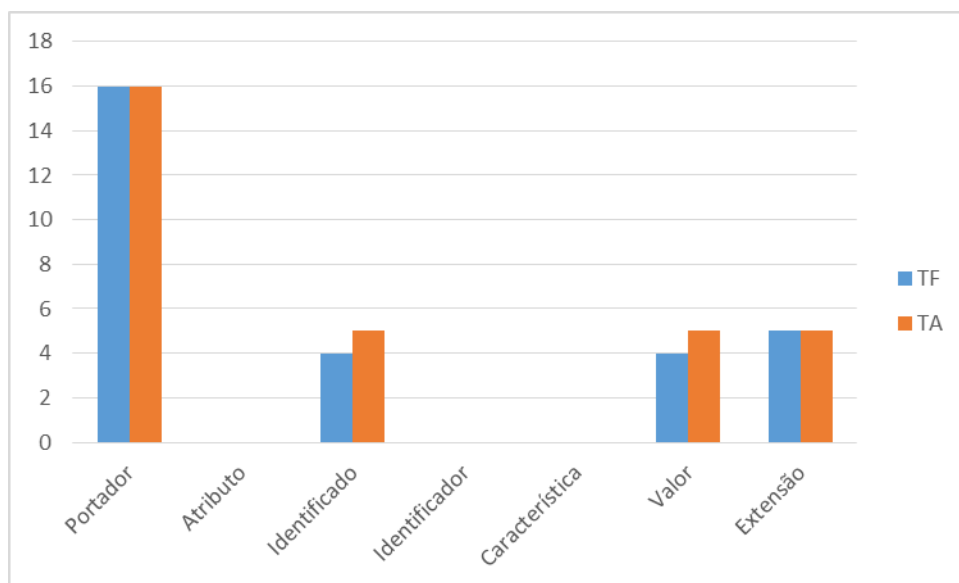


GRÁFICO 3: A Jovem como Participante de Processos Relacionais

Neste GRÁFICO, é possível perceber que, apesar de os Processos Relacionais oferecerem maiores possibilidades, podendo haver diferentes combinações entre diversos tipos de Participantes, o modo como a Jovem é apresentada não varia muito: há predominância de Processos Atributivos, e os únicos Processos Identificativos presentes trazem o rótulo duplo Identificado/Valor. Na TABELA 2, podemos verificar que, apesar das quantidades iguais de Processos Atributivos, houve um total de 6 mudanças tradutórias pertinentes a esses Processos.

Verifiquemos o EXEMPLO 10, que traz um caso de Processo Atributivo com mudança tradutória, no qual o Participante foi retextualizado de modo distinto no TA.

EXEMPLO 10

(TF) She <dir> <0010131> 's not been before, and it's worth seeing.

(TA) Ela <dir> <0010111> nunca entrou lá, e vale a pena ver.

No EXEMPLO 10, a mudança ocorre devido aos verbos utilizados nos Processos: no original, o Processo é Relacional devido à presença do verbo *to be* [tida como realização prototípica de Processos Relacionais e Existenciais, segundo Halliday e Matthiessen (2014)], estabelecendo a relação entre *she* e o cassino (em elipse) ao qual ela nunca foi. Na tradução, contudo, foi utilizado o verbo mais específico “entrar”, que designa uma ação realizada pela personagem (logo, sendo um Processo Material com a Jovem como Ator). Este resultado aponta para a hipótese de Rodrigues-Júnior (2006b, p.157), que considera as diversas “possibilidades sistêmicas de tradução do processo relacional “to be” em língua portuguesa”, fenômeno identificado também em sua pesquisa.

A seguir, um exemplo de mudança com o rótulo Identificado/Valor:

EXEMPLO 11

(TF) Oh, I'm <0010131> <dir> not at all hungry. Take them away.

(TA) Oh, não estou <dir> <0010133>-<0010136> com fome. Leve-os.

O EXEMPLO 11 traz uma mudança tradutória na qual o Processo Atributivo do original foi traduzido como um Processo Identificativo. Isso ocorre porque, no inglês, a inversão dos Participantes (*hungry am I*) não é possível. O português, contudo, apresenta-se mais versátil, de modo que é possível que o complemento seja seguido do verbo e este, por fim, do sujeito. Isso não significa que o registro de linguagem mantenha o mesmo nível que a ordem natural sujeito-verbo, apenas indica que é possível. Por isso, o Processo é caracterizado como Identificativo em português. Quanto aos Participantes, a Jovem configura-se como Identificado por ser o “foco” da mensagem, enquanto que *com fome* é o Identificador e também uma Característica.

Por fim, consideremos o EXEMPLO 12, pertinente ao Participante Extensão de Processo Relacional:

EXEMPLO 12

(TF) But just at that moment there was Mrs. Raddick again with—her
<dir> <0010139>--and another lady hovering in the background.

(TA) Mas bem naquele momento, lá estava a Sra. Raddick novamente,
com – ela <dir> <0010139> – e outra dama seguindo-a.

Bem como no EXEMPLO 12, não houve mudança tradutória nas ocorrências de Extensão de Processo Relacional, conforme verificado na TABELA 2. No EXEMPLO em questão, a Jovem é a Extensão do Processo Identificativo que relaciona a Sra. Raddick e *there/lá*. É interessante ressaltar que, em três das cinco ocorrências desse Participante, a Sra. Raddick está entre os demais envolvidos no Processo. Isso afeta a representação da personagem, pondo-a como uma menina por quem a mãe sempre se preocupa e em quem, por vezes, depende. Devido às poucas mudanças tradutórias nessas categorias, podemos depreender que essa representação se mantém no TA.

O GRÁFICO 4 expõe os resultados relativos à Jovem como Participante de Processos Verbais.

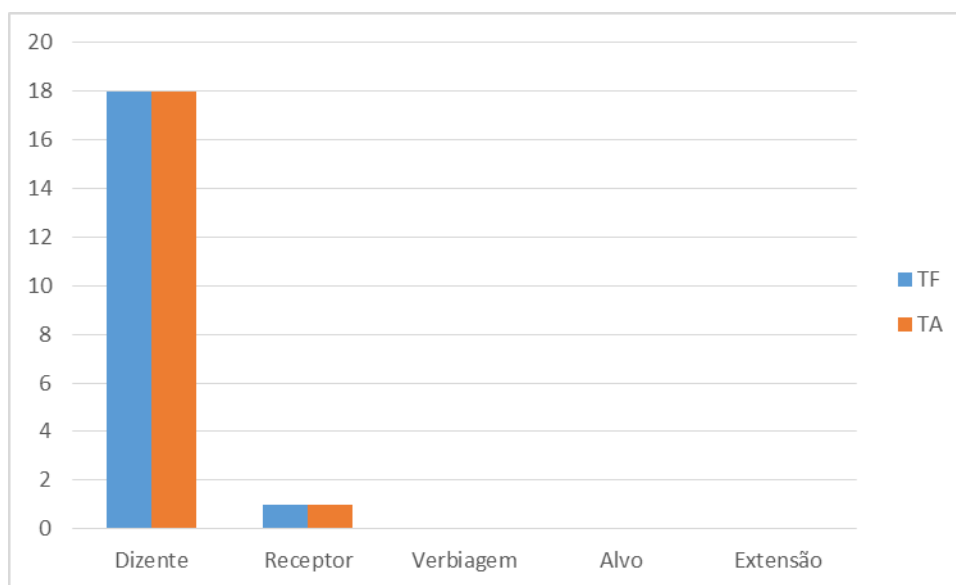


GRÁFICO 4: A Jovem como Participante de Processos Verbais

Conforme observado no GRÁFICO 4 e na TABELA 1, houve apenas duas ocasiões de mudanças tradutórias com relação aos Participantes de Processos Verbais. Esse resultado contrasta com os vistos em Assis (2004), no qual grande parte dos Processos Verbais foram omitidos, considerando que ambos os *corpora* – o de seu estudo e o deste – apresentam a maioria de seus Processos Verbais na mesma função: em orações representadoras. Com base nessa comparação, pode-se observar duas tendências na tradução desses Processos para o português: uma na qual a tradutora atém-se mais ao TF, traduzindo todas as ocorrências desses verbos, e outra na qual adota uma abordagem mais domesticadora, omitindo-os.

Examinemos, no EXEMPLO 13, o caso de mudança tradutória (o outro sendo uma omissão):

EXEMPLO 13

(TF) At that "she" <dir> <0010151> looked up; she <0010151> <dir> simply withered her mother <0010159> <indir> .

(TA) Naquele momento, “ela” <0010151> <dir> olhou para cima; e simplesmente interrompeu <0010141> <dir> a mãe.

Aqui, *withered* foi traduzido como *interrompeu*. O verbo, contudo, significa "fazer alguém atônito ou incapaz de agir"⁵ de acordo com o dicionário *Merriam-Webster online*. A tradução, neste caso, pode ter sido fruto de uma interpretação distinta do original, sendo uma ocasião de leve alteração de sentido condicionada pelo tradutor.

Em cada texto, foi identificado apenas um momento no qual a Jovem é representada como Receptor em Processos Verbais. A ocorrência pode ser observada no EXEMPLO 14.

EXEMPLO 14

(TF) I hardly dared to ask her <0010142> <dir>. "Tea--coffee? China tea--or iced tea with lemon?"

(TA) Com dificuldade, eu perguntei a ela <0010142> <dir>, — Chá, café? Chá tradicional, ou chá gelado com limão?

O EXEMPLO 14 mostra a única ocorrência da Jovem como Receptor no corpus. A falta de mudança tradutória aponta mais uma vez para uma abordagem próxima do original. O fato de haver uma única ocorrência de Receptor (e nenhuma dos demais Participantes de Processo Verbal, além de Dizente) indica que há poucos momentos nos quais outros personagens se referem verbalmente à protagonista, querendo saber suas opiniões.

A seguir, o GRÁFICO 5 mostra resultados relacionados à Jovem como Participante de Processos Comportamentais.

⁵ Nossa tradução de “to make speechless or incapable of action”. Disponível em: <<http://www.merriam-webster.com/dictionary/wither>>.

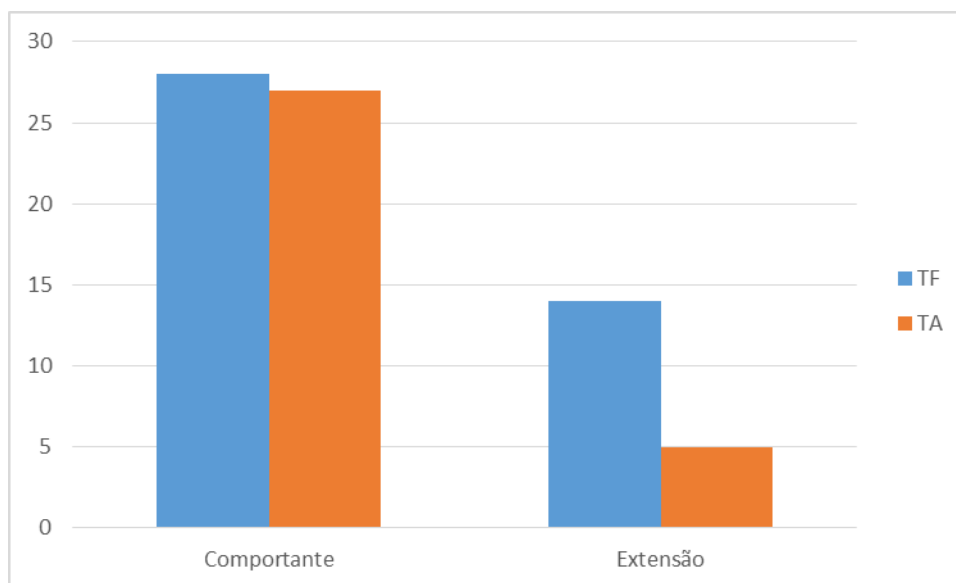


GRÁFICO 5: A Jovem como Participante de Processos Comportamentais

Há pouca diferença na quantidade de ocorrências de Comportante entre os dois textos que constituem o corpus, sendo que esse Participante ocorre mais no TF do que no TA, conforme observado no GRÁFICO 5. Conforme exposto pela TABELA 2, houve apenas um momento no qual o Participante de outro Processo foi retextualizado como Comportante, e duas ocasiões nas quais um Comportante foi omitido ou traduzido como outro Participante. Analisemos, no EXEMPLO 15, a ocasião do surgimento do Comportante “extra”:

EXEMPLO 15

(TF) She <dir> <0010121> could hardly bear to watch him.

(TA) Ela <dir> <0010151> mal podia olhar para ele.

Neste caso, um Experienciador foi traduzido como Comportante devido à alteração nos verbos: uma tradução literal seria *ela mal podia aguentar/suportar olhar para ele*, contudo, o equivalente a *bear* foi omitido, deixando apenas o comportamental *poder olhar*. Essa mudança torna a reação da personagem mais fisiológica, passando o enfoque mais para o modo como ela exterioriza seu desgosto do que para o que, explicitamente, se passa em sua mente. Temos, então, uma leve mudança de representação.

A proeminente quantidade de instâncias nas quais a Jovem é representada como Ator, Experienciador e Comportante apontam para a importância da personagem na narrativa – e, mais do que isso, para a importância do que ela sente e como demonstra. A ênfase nesses elementos, e o modo como são apresentados – em um momento, o leitor está na mente da personagem; no seguinte, a observa de fora e identifica como ela exterioriza seus conflitos interiores – são características da escrita de Mansfield, conforme exposto por Rodrigues (2010).

As Extensões de Processos Comportamentais, também chamadas de Comportamentos, constituíram a categoria com maior discrepância entre TF e TA, conseqüentemente, com

mais mudanças tradutórias. Considerando que nenhum outro Participante foi traduzido como essa Extensão, mas que 9 ocorrências não estavam presentes na tradução, podemos concluir que houve grande quantidade de omissões. Observemos o EXEMPLO 16.

EXEMPLO 16

(TF) She <0010151> <dir> lowered her eyes <0010159> <indir> and <dir> <0010111> drummed on the table.

(TA) Ela <dir> <0010151> baixou os olhos e <dir> <0010111> tamborilou na mesa.

O EXEMPLO 16 mostra uma ocorrência de omissão de Extensão de Processo Comportamental de modo semelhante ao caso ilustrado no EXEMPLO 5, de Meta: devido à falta de um pronome ligando *olhos* à Jovem, a relação linguisticamente explícita com a menção indireta se perdeu. Esse fenômeno foi ainda mais frequente com relação às Extensões do que com a Meta: conforme observado na TABELA 2, há 9 ocorrências indiretas de Meta no TF contra 5 no TA, enquanto que, das 9 de Extensão Comportamental do TF, apenas uma se manteve.

Por fim, tratamos dos Processos Existenciais (GRÁFICO 6).

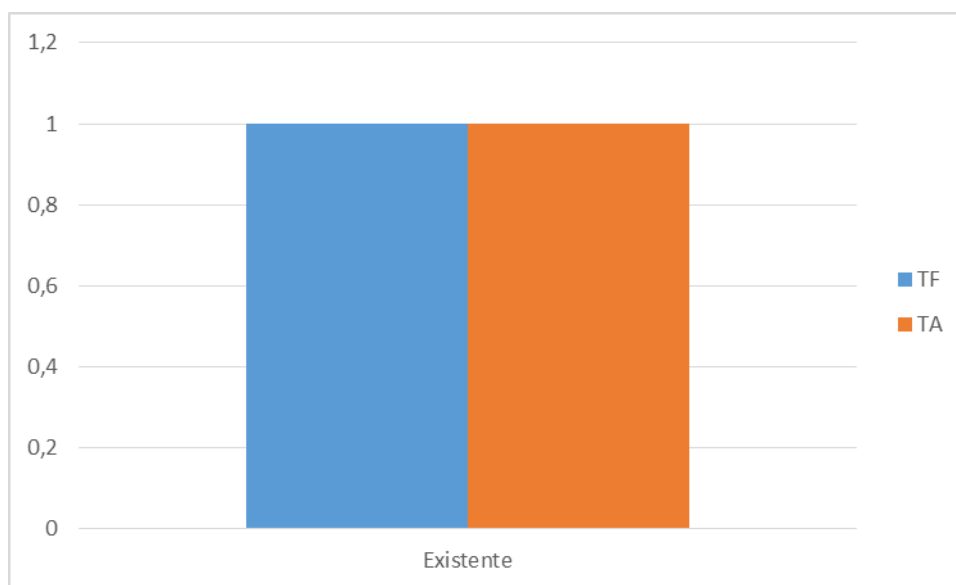


GRÁFICO 6: A Jovem como Participante em Processos Existenciais

Conforme observado nos resultados obtidos por Rodrigues-Júnior (2006b), o alto desnível entre as quantidades de Processos Existenciais com relação aos outros Processos parece ser comum em narrativas, se o que é analisado é a frequência na qual os personagens figuram como Participantes desses Processos. Segundo Halliday e Matthiessen (2004, p. 174), “(...) o cenário ou orientação de uma narrativa é com frequência dominado por orações existenciais e relacionais, mas a linha de eventos principal é construída,

predominantemente, por orações materiais”⁶, o que ratifica a frequência ínfima de Existentes nos contos sob análise.

A seguir, temos as únicas ocorrências de Existente no corpus, sem mudança tradutória:

EXEMPLO 17

(TF) Again the poor little puff was shaken; again there was that swift, deadly-secret glance <0010161> <dir> between her and the mirror.

(TA) Novamente, a almofadinha foi chacoalhada; novamente, houve aquele olhar breve, mortalmente secreto <0010161> <dir> entre ela e o espelho.

Conforme observamos no EXEMPLO 17 (e também na TABELA 2), não houve mudança tradutória na única ocorrência de Existente no corpus.

No total, foram identificados mais Processos envolvendo a Jovem no conto original do que em sua tradução – resultado semelhante ao de Assis (2004, p. 87), que explica o fenômeno através do fato de que muitos Processos “não foram retextualizados ou o foram por outras categorias gramaticais”. Explicação semelhante é dada para o fato de que muitos Processos foram retextualizados como um Processo diferente e, em menor escala, omitidos devido a questões estilísticas tradutórias e tendências da língua portuguesa (como a não explicitação do pronome possessivo em diversos momentos).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise relatada neste artigo, foi possível chegar a respostas às perguntas estipuladas inicialmente.

Quanto a como a protagonista do conto é representada, percebe-se que os Participantes mais frequentes em ambos os textos são Ator, Experienciador, Comportante e Dizente. Apesar da grande quantidade de ocorrências para Ator, há pouca “ação” que faça com que a trama avance – nesse caso, muitas ocorrências desse Participante exercem função de Comportante: a de externalizar um mundo interno. Esse fato, juntamente da proeminência de Comportante e Experienciador, aponta para o tema central do conto: os conflitos psicológicos da protagonista e como ela os demonstra. Assim é possível, também, definir como uma análise ideacional pode auxiliar na compreensão de significados implícitos em um texto.

Não foram identificadas grandes alterações de Participantes entre os dois textos, pois verificou-se que a abordagem tradutória em questão não se distancia substancialmente do original, ou seja, as estruturas sintáticas não sofreram grandes mudanças, o que levou a poucas alterações no modo como os Participantes e Processos são realizados. Porém, pôde-se constatar mudanças substanciais na Jovem como Participante indireta introduzida

⁶ Nossa tradução de: “(...) the setting or orientation of a narrative is often dominated by ‘existential’ and ‘relational’ clauses, but the main event line is construed predominantly by ‘material’ clauses.”

através de *her* em inglês. Esse resultado aponta que, no português do Brasil, há menor tendência à explicitação do que ocorre no inglês. Apesar de haver alterações – e, por vezes, adições ou omissões – de tipos de Participante, as mudanças não são livres o suficiente a ponto de fazer com que a Jovem seja representada lexicogramaticalmente de modo distinto na tradução e no original. As poucas ocorrências de Ator e Comportante a mais no TF (e uma ocorrência a menos de Experienciador), no entanto, apontam para uma representação levemente mais sutil da personagem no original, com maior enfoque no modo como exterioriza suas emoções.

Pode-se constatar que, apesar de os dois Participantes mais frequentes corresponderem aos Processos Material e Mental – dois dos três Processos mais proeminentes – os que os seguem, também em grande quantidade, são ligados aos Processos subsidiários Comportamental e Verbal. Participantes de Processo Relacional, o terceiro tipo mais proeminente, realizam-se em quantidade muito menor à de Comportante e Dizente. Podemos atribuir esse fenômeno ao seguinte fato: os Processos Relacionais são realizados como aqueles que caracterizam ou estabelecem relações entre seres. Este conto, todavia, tem como ponto principal o desenvolvimento psicológico da protagonista, que deve ser percebido pela caracterização sutil que Mansfield desenvolve ao apresentar suas ações e comportamentos percebidos através dos olhos de outro personagem. Isso deixa pouco espaço para relações e características explícitas, desenvolvidas pelos Processos Relacionais. Assim, é possível perceber também uma característica do conto: a sutileza da caracterização da jovem Raddick. As poucas mudanças tradutórias apontam que essas características foram retextualizadas no TA.

Por fim, podemos concluir que os elementos ideacionais são, de fato, fluidos. Apesar de os autores da Gramática Sistemico-Funcional demonstrarem como Processos, Participantes e Circunstâncias podem ocorrer e apontarem o caminho para uma análise do sistema de transitividade, que realiza essa metafunção, o que consta em sua obra não é algo fixo – permitindo, assim, a realização de pesquisas em diferentes aplicações da LSF, a fim de identificar os mais diversos modos nos quais esses elementos podem se manifestar, levando ao contínuo enriquecimento desta teoria.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Roberto Carlos. *A Transitividade na representação de Sethe no corpus paralelo Beloved-Amada*. 2004. 122f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte.

BAKER, Mona. *In Other Words: A Coursebook in Translation*. 2 ed. Londres e Nova Iorque: Routledge, 2011.

BERBER SARDINHA, Tony. *Linguística de Corpus*. Barueri: Manole, 2004.

FEITOSA, Marcos Pereira. Developing and applying CROSF: a numeric code proposed for corpora annotation, based on Halliday's Systemic Functional Grammar. In: INTERNATIONAL SYSTEMIC FUNCTIONAL CONGRESS, 33, 2006, São Paulo. *Proceedings...* São Paulo: PUC, 2006. p. 1130-1150.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood; MATTHIESSEN, Christian. *An Introduction to Functional Grammar*. 3 ed. Londres: Arnold, 2004.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood; MATTHIESSEN, Christian. *Halliday's Introduction to Functional Grammar*. 4 ed. Londres e Nova Iorque: Routledge, 2014.

MANSFIELD, Katherine. *The young girl*. In: MANSFIELD, Katherine. *The collected stories*. Londres e Nova Iorque: Penguin, 2001. (Conto primeiramente publicado em 1920).

MANSFIELD, Katherine. *A jovem*. Tradução para fins acadêmicos da primeira autora deste artigo. Pelotas: Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas, 2013.

MUNDAY, Jeremy. Discourse and Register analysis approaches. In: MUNDAY, Jeremy. *Introducing Translation Studies: theories and applications*. 3 ed. Londres e Nova Iorque: Routledge, 2012, p. 136-163.

RAVELLI, Louise. Getting started with functional analysis of texts. In: UNSWORTH, Len. *Researching language in schools and communities: Functional Linguistics Perspectives*. Londres: Cassell, 2000, p. 27-64.

RODRIGUES, Roberta Rego. *Tradução e apresentação do discurso: um estudo de "Bliss" de Katherine Mansfield*. 2010. 226f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte.

RODRIGUES-JÚNIOR, Adail Sebastião. Abordagens discursivas dos Estudos da Tradução. *Polissema*, (6), 2006a, p. 38-60.

RODRIGUES-JÚNIOR, Adail Sebastião. *A representação de personagens gays na coletânea de contos Stud e em sua tradução As Aventuras de um Garoto de Programa*. 2006b. 255f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte.

RÜHLEMANN, Christoph; O'DONNELL, Matthew Brook. Introducing a corpus of controversial stories. Construction and annotation of the *Narrative Corpus*. *Corpus Linguistics and Linguistic Theory*, (8), 2012, p. 313-350.

VASCONCELLOS, Maria Lúcia; PAGANO, Adriana. Explorando interfaces: Estudos da Tradução, Linguística Sistêmico-Funcional e Linguística de Corpus. In: PAGANO, Adriana; MAGALHÃES, Célia; ALVES, Fabio. (Org.) *Competência em Tradução: cognição e discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005, p. 177-207.